

A CÓPULA EM BELIZANO: UM CASO DE MUDANÇA SEMÂNTICA

Genevieve Escure (Univ. de Minnesota)

(Tradução de Rodolfo Ilari)

1. Introdução

Os crioulos atlânticos e o Black English revelam suas ligações oeste-africanas no tratamento diferenciado que dão ao complexo cópula-auxiliar, representado de maneira uniforme em inglês pelo verbo *be*. Mais especificamente, os crioulos distinguem em geral sentenças contendo predicados nominais e sentenças com predicados adjetivais ou locativos. Além disso, marcadores de continuação e iteração específicos vêm associados aos verbos ativos (e às vezes também aos estativos) em frases não predicativas. Assim, Holm (1980) examina os análogos oeste-africanos do realce de cópula crioulo, e Holm (1978) identifica uma hierarquia dos entornos sintáticos em Jamaicano e Gulá que revela a influência africana de maneira algo diferente das ordenações estabelecidas inicialmente por Labov (1979). Baugh (1980) confirma que os adjetivos do Black English favorecem o cancelamento mais do que os predicados locativos. Portanto, a variabilidade das formas de cópula ao longo de um continuum crioulo entre formas basilectais e acrolectais oferece perspectivas especiais sobre o desenvolvimento da criouliização prévia, bem como sobre o mecanismo de descriouliização, isto é, a mudança de um sistema para outro.

No crioulo de Belize, como em muitos outros vernáculos das Índias Ocidentais, há um verbo locativo especial de que também funciona ocasionalmente como verbo existencial em posição final de sentença, e como marcador préverbal, continuativo e iterativo. Portanto, de ocorre unicamente, embora não sempre, antes de sintagmas e adjuntos adverbiais preposicionados (de tempo e modo, bem como de lugar), antes de verbos e em fim de sentença. Antes de predicados nominais, o que pode ocorrer é um candidato potencial a cópula, o morfema *da* que varia às vezes com *a*. Nem *de* nem *de/a* são encontráveis antes de adjetivos. As sentenças a seguir mostram a distribuição de *de* e *da/a*:

- (1) *unu me stil de in de wen a kun bak.* (de locativo)
you were still in there when I came back.

- (2) a ku hahdli hia we yu de sey (de progressivo)
I can hardly hear what you are saying.
- (3) wen di kanks de, we yu now we di DE? (de existencial)
When there is conch, how do you know where it is?
- (4) im da me di kapn.
He was the captain.
- (5) dada di handes ting. da fu tek op yu ruwts.
That's the hardest thing, to take up your roots.
- (6) dada we a jos me wan tel you.
That's just what I was going to tell you.
- (7) dis badl a me wan a di biges badl.
This battle was one of the biggest battles.
- (8) dis a tru tru ting.
This is a true story.
- (9) da H. me de de.
H. was there.
- (10) da op fahda ina di renj.
It's up further in the range.
- (11) da fu mi.
It's mine.

Morfemas semelhantes têm sido identificados como cópulas em crioulos cognatos. Bailey (1966) define a como verbo de equação no crioulo da Jamaica, de como um verbo locativo e também a como um marcador de aspecto progressivo. No crioulo da Guyana, Bickerton (1973) encontra os mesmos verbos a e de, que ele associa a mais funções do que as indicadas por Bailey para a Jamaica. Ele identifica a como equacional antes de sintagmas nominais e de como locativo e existencial, além de introdutor de formas não finitas e advérbios de tempo e modo. Cooper (1980) também aponta a ocorrência de a como cópula, continuativo e habitual no crioulo de St. Kitt bem como no crioulo guyanense. Holm (1978) também encontra o de locativo no crioulo Miskito da Costa (Nicarágua), mas relaciona somente raras instâncias de da/a como cópula equacional. E Young (1973:21) sustenta que a cópula habitual do crioulo de Belize é da, com a como alomorfe quando seu /d/ inicial foi assimilado a uma dental anterior.

Há obviamente muitas semelhanças entre o crioulo de Belize e outros crioulos centro-americanos e do Caribe (e com crioulos e pidgins da África ocidental), e por isso somos tentados a considerar o da/a de Belize como cópula, na esteira das análises anteriores. A relação entre as variedades da Jamaica e de Belize é particularmente próxima, devido aos desenvolvimentos históricos. O crioulo de Belize é provavelmente uma ramificação do crioulo da Jamaica, pois a mão de obra escrava necessária para sustentar a economia florestal de Belize foi importada não diretamente da África, mas da Jamaica, com a qual os primeiros colonos tinham fortes ligações.

No entanto, um estudo detalhado das formas da/a no crioulo de Belize lança sérias dúvidas sobre o caráter de cópula desses morfemas nos basilectos de Belize. O presente artigo focalizará o caráter ambíguo dos morfemas da/a e examinará sua distribuição como um caso apropriado para ilustrar o deslocamento semântico de um sistema de cópula para outro.

2. Metodologia

Os resultados que se apresentarão abaixo fundamentam-se em dados reunidos entre 1978 e 1981 numa aldeia de pescadores crioula situada no distrito Stann Creek do Sul de Belize. Foram gravadas conversas informais, espontâneas, por um pesquisador de campo crioulo e por mim. Só amostras basilectais foram analisadas neste artigo, pois o objeto deste estudo é o morfema da/a, que ocorre somente na parte mais vernácula do continuum¹. O morfema de, apresentado para efeitos de contraste, é também um marcador basilectal.

3. Distribuição de da/a e de.

A distribuição de da/a e de nos basilectos de Belize não é tão claramente complementar como se faz parecer em algumas descrições gerais dos crioulos. Só as sentenças predicativas estão em questão, porque da/a não ocorre nunca antes de verbos, ao passo que de ocorre, como marcador progressivo ou habitual. Entre as sentenças predicativas, as que incluem predicados adjetivos não serão consideradas, pois da/a e de não ocorrem nunca nesses contextos,² no que reproduzem o comportamento africano ocidental dos adjetivos como verbos estativos. Conforme se mostra no quadro 1, os contextos pré-locativo e pré-nominal não distinguem claramente de e da/a: ainda que de, conforme esperado, ocorra somente antes de sintagmas adverbiais e preposicionais (incluindo os de modo e tempo bem como a referência de lugar), isso acontece somente 50% das vezes; da e zero ocorrem em proporções a grosso modo iguais nos demais casos. Assim, claramente, da não está limitado a predicados pré-nominais (que incluem entornos com SNs, pronomes e entornos sentenciais, isto em sentenças cleft e pseudo-cleft). Ao contrário, a tem essa limitação: ocorre somente em 13% de todos os contextos pré-nominais (contra 68% de da nesses contextos), mas não há um caso sequer de a antes de sintagmas adverbiais ou preposicionais. Uma variante zero é encontrada em ambos os entornos, contradizendo pois uma afirmação feita por Bickerton (1973:648) segundo a qual "no basileto não há algo como a cópula zero". Finalmente, a pequena proporção do verbo inglês be, a saber 8% e 2%, é característica das variedades vernáculas.³

Quadro 1

Antes de	<u>da</u>	<u>a</u>	<u>zero</u>	<u>be</u>	<u>de</u>	
-----						NP
—/ Pro	189/275	37/275	26/275	23/275	0	
S	(68%)	(13%)	(9%)	(8%)		
-----						Adv
—/SPrep	35/164	/	44/164	3/164	82/164	
#	(21%)		(27%)	(2%)	(50%)	

QUADRO 1: Distribuição das supostas variantes de cópula em dois ambientes sintáticos principais (resultados globais para 11 amostras basilectais, incluindo somente sentenças afirmativas e negativas).

A distribuição diferenciada de da e a sugere que a não é de fato um alomorfe de da, ou pelo menos não é mais. Como a ocorre somente em contextos pré-nominais, corresponde mais diretamente às funções atribuídas às cópulas do tipo africano ocidental, como foram observadas em outros crioulos. Mas sua incidência reduzida nos basilectos de Belize indica que está rapidamente tornando-se obsoleto. Ao contrário, da tem uma distribuição extensa, o que é forte indício de que está substituindo a. Ainda assim, sua presença em toda parte revela algum tipo de deslocamento semântico, talvez indicativo de uma criouliização mais antiga.

Uma olhada nos contextos que precedem da/a fornece mais indicações sobre a natureza ambígua desse morfema.

Quadro 2

# dat da/dat a/ dada	# da/a	outros (SN,pro,S)
# daa/dis da/dis a		
-----		N=225
67	87	72
(30%)	(38%)	(32%)

QUADRO 2: Entornos que precedem da/a (N=total efetivo de ocorrências de da/a em posições pré-nominais)⁴.

Conforme se mostra no Quadro 2, nada menos de 30% de todos os casos ocorrem depois do pronome demonstrativo dat, e algumas vezes depois de dis. É com frequência difícil decidir se a cópula potencial é da ou a, quando a seqüência fonética real é [dada], com acento na primeira sílaba⁵. Isto se deve obviamente à aplicação de uma regra de assimilação que ou bem mudou /dat a/ para [dada], ou bem simplificou /dat da/ em [dada]. A seqüência [daa] também ocorre nuns poucos casos, sugerindo que ocorreu o

cancelamento da oclusiva alveolar intervocálica - ou de duas delas se se admite /dat da/ como subjacente.

- (12) dada we a de tel yu.
That's what I'm telling you.
- (13) yu siy, dada wen you gu biychkumin.
You see, that's when you go beachcombing.
- (14) dada onli fu klouz af.
That's only too close off.
- (15) dat a haf galan.
That's half a gallon.
- (16) dis a tru tru ting.
This is a true story.
- (17) dis a no Nansi stari.
This is no Nancy Story.
- (18) da a kumin towad sneyk kiy.
That's [when you are] coming toward Snake Caye.
- (19) wel, tahlin about weyk, dis da wan neks wan we a rimerba.
Well, talking about wakes, here is another one [a story] that I remember.

Uma outra característica peculiar à distribuição pré-nominal de da reside no fato de ocorrer 38% das vezes em posição inicial de sentença (incluindo sentenças encaixadas introduzidas por uma conjunção).

- (20) da no jowk.
It's no joke.
- (21) a wudn if da me mi.
I wouldn't if that was me.
- (22) i me jas tek ova fa mi, bikaz da me mi de pan wach.
He had just taken over for me, because I was on watch.
- (23) a tink da me onli 6000 galan me kum owt.
I think that only 6000 gallons came out [leaked out].
- (24) i ga gye B. de wach wayl a deylayt.
He would get B. to watch while it is daylight.

Os exemplos de da inicial de sentença poderiam ser interpretados como cópulas com pronomes cancelados. Entretanto, é possível uma interpretação diferente: da poderia ser um pronome dêitico seguido por cópula zero — na verdade, dat ocorre exatamente nessa posição. Esta interpretação será examinada abaixo à luz de outras evidências. O Quadro 2 aponta, pois, para a natureza ambígua de da/a. da é um pronome demonstrativo, uma cópula reflexivizada ou ambos? a é uma cópula ou simplesmente uma cópia redu-

zida de da? Somente 32% de todos os casos de da/a ocorrem numa posição que poderia ser considerada genuinamente típica de cópula, a saber, entre sintagmas nominais, pronomes ou sentenças (nas construções cleft e pseudo-cleft): As sentenças a seguir ilustram esses contextos que têm servido de base para interpretar da/a como cópula:

- (25) H. da me di kapn.
H. he was the captain.
- (26) J.L. da me wat? I da me di mekanik, i da mekanik.
J.L., he was what? He was the mechanic.
- (27) we dey haf tu du da ripuot da kostom.
What they have to do is to report to the customs.
- (28) da ays baks a we wan pey fu evriting.
This ice-box is what will pay for everything.
- (29) da wan a di syem wan we wi faun.
That one is the same [one] that we found.
- (30) Bra Rabbit en Bra Tayga da tu veri gud fren.
Brother Rabbit and Brother Tiger are two very good friends.

4. Contra-argumentos para da/a cópulas

4.1. da/a e o marcador de anterioridade me

Há forte evidência de que da/a não pertence ao sintagma verbal senão ao sintagma nominal. O argumento gira em torno da localização da partícula me, que marca anterioridade, e precede tipicamente o verbo, inclusive o marcador progressivo de, o verbo locativo de, o auxiliar futuro wan, e o auxiliar completivo don. Contudo, esse marcador de anterioridade sempre ocorre depois de da/a em qualquer sentença dada, o que levanta sérias dúvidas ao presumido caráter de da como verbo copulativo crioulo. Considerem-se os dois conjuntos a seguir: no conjunto I, me vem, de maneira coerente, antes de da, wan, don, e de qualquer verbo, ao passo que no conjunto II me segue regularmente da ou a:

CONJUNTO I:

- (31) dey me de hon fa sontin fu pin unu pan. (de progressivo)
They were hunting for something to pin on you.
- (32) i me de tink bowt unu, tu. (de progressivo)
He was thinking about you, too.
- (33) wi me de bowd a di bowt. (de locativo)
We were on board of the boat.

- (34) J. me du gud ofa de li trip we dey me gan pan, i en J. (me-V)
 J. had made me a good offer for a little trip where they had gone, him and J.
- (35) Misa S. me don tel mi dat i me wan get di jab. (me-V.auxiliar)
 M.S. has told me that he would have got the job.
- (36) if i neva du it, i no me wan kum owt de. (me V.auxiliar)
 If he had not done it, he would not have come out of there.
- (37) i me wan ded. (me auxiliar).
 He would have been dead.

CONJUNTO II:

- (38) da me wan meja politikal ting.
 That was a major political thing.
dada me di fos ting kum owt ina di 'Prensa Libre'
 That's the first thing that came out in the 'Prensa Libre'.
 ay fiyl layk we me hapn da me wa propaganda ting.
 I feel that what happened was a matter of propaganda.
 wi da me Belizean.
 We were Belizean.

(Vejam-se também as sentenças (4), (21), (22), (23), (25) e (26)).

A seqüência a me ocorre somente uma vez, mas isso é coerente com a baixa freqüência de ocorrência de a separado de dat:

- (7) dis badl a me wan a di biges badl.

4.2. da/a e a negação

A mesma dicotomia indicando um tratamento diferenciado de de ou outros verbos e da/a é observável na localização dos morfemas negativos no, not e neva somente em contextos anteriores (isto é: /no me/ é sempre realizado neva). Em outras palavras, no ocorre sempre antes de um verbo, mas depois de da/a, conforme representado nos conjuntos III e IV. Isto confirma que da é um constituinte nominal e não verbal.

CONJUNTO III:

- (42) dey no got no kantak de. (no-V)
 They haven't got any contact there.
- (43) wi no wan no kayna revolushn. (no-V)
 We don't want any revolution.

- (44) a neva evn siy it. (neva-V)
I didn't even see it.

CONJUNTO IV:

- (45) da no Sanflay kiy unu de tahk. (da-no)
That's not Sandfly Caye you are talking about.
- (46) da not fu mi. (da-not)
That's not for me.
- (47) di kwaht badl de we yu de luk fa, da no sunting we drif.
The quart bottles that you are looking for, that's not something that drifts.
- (48) dis a no Nansi stori. (a-no)
This is no Anansy story.

Há três possíveis exceções para esta ordem, como se mostra a seguir:

- (49) no a wan mata a we i chiypa.
It's not a matter of being cheaper.
- (50) da na no aksiden or notin.
It's no accident or anything.
- (51) da na no fishin eria.
It's not a fishing area.

A seqüência no a de (49) é a única que encontrei em meu corpus de dados, e essa escassez poderia indicar um caráter anterior de a como cópula, que agora está-se tornando obsoleto. A seqüência na em (50) e (51) poderia ser uma contração de no a, mas como é seguida imediatamente por uma negação, isto sugere que na não é percebido agora como um elemento negativo, se é que alguma vez o foi. Na poderia ser simplesmente uma variante de da, por um processo de assimilação à nasal da negativa que segue.

A posição característica dos marcadores de anterioridade e negação sugere, pois, que da/a não é uma cópula, mas antes um constituinte pronominal que pertence ao sintagma nominal sujeito na maioria dos casos, e às vezes constitui o sintagma nominal todo. Isto também se confirma comparando sentenças em que (da) ocorre alternativamente em posição pré-sujeito e pós-sujeito:

- (25) H. da me kapn.
(26) I da me di mekanik.
- (52) da mi me de pa wach.
I was on watch - It was me that was on watch.

- (9) da H. me de de.
It was H.who was there.
- (53) da di kapn slip op.
It's the captain that slipped up.

Da parece claramente desempenhar a mesma função em (25) e (52), em (26), (9) e (53), a despeito das diferentes posições. Da não se comporta como um verbo, mas antes como um elemento de focalização ligado a um nome ou pronome, e isso é confirmado pelo fato de que o sintagma nominal que precede ou segue imediatamente da é sempre acentuado, ao passo que o próprio da é, tipicamente, não acentuado.

5. da/a como elemento de focalização

Sentenças interrogativas: da e a também introduzem cerca de um terço de todas as perguntas nos basiletos. O Quadro 3 mostra que da ocorre 20% das vezes, ao passo que a só dá conta de 6% de todas as perguntas -- uma proporção de um para cinco que reflete quase exatamente as frequências de da e a -- respectivamente 68% e 13% -- encontrada em sentenças afirmativas (Quadro 1). Isto diz respeito tanto às perguntas de tipo yes/no e com WH, como às interrogativas diretas e indiretas, e a sentença pode incluir um verbo comum ou uma cópula-zero.

N = 121	P. tipo Yes/No	P.tipo WH	Total	%
<u>da</u>	16	19	35	(29%)
<u>a</u>	3	4	7	(6%)
				^{35%}

QUADRO 3: da/a em sentenças interrogativas (N=número total de perguntas).

Perguntas com V:

- (54) da Teksako unu me de wok fa?
Is it Texaco you are working for?
- (55) da we akchuali hapn?
What actually happened?
- (56) a wuda wan now da how moch yu fiyl layk esky.
I would like to know how much you felt like escaping.
- (57) da we mont dat me hapn ina?
Which month did that happen?
- (58) a unu me bring dat fa kras?
You brought that from across?
- (59) a we pahnt dat hapn?
Where [what part] did that happen?

Perguntas com 'cópula-zero':

- (60) da me di chiyf meyt?
You were the first mate?
- (61) Yu me now da how moch?
You know how much it was?
- (62) bway. da we de go an?
Boy, what's going on? = How are you?

Mas o uso paralelo de da/a nas interrogações e nas sentenças cleft e pseudo-cleft sugere que o mesmo morfema está envolvido nessas diversas sentenças, conforme se ilustra a seguir:

- (63) da we dat? -- klowz tu di kiy,wan big bluw howl,-- da no Sanflay Kiy unu de tahk, den? -- da de tahk Sanflay Kiy, yes. Where is that? -- Close to the cayes, a big, blue hole. -- That's not Sandfly Caye you are talking about then? -- Yes, What [I] am talking about is Sandfly Caye.
- (64) da wan a di wyem wan-de we wi fayn, a wyem, dat da wan a di wyem owl ting-de agen.
That one is the same that we found. It's the same, that one is the same old thing again.
- (65) now. di joj en di dakta, da gud fren; di dakta merid tu di laya sista.
Now, the judge and the doctor, they are very good friends; the doctor was married to the lawyer's sister.
- (26) we dey haf tu du da ripout da kostom.
What they have to do is to report to the customs.
- (66) dat da wen di rowp gud.
That's when the rope is good.
- (67) da dat we dey tahk bowt.
That's what they talk about.
- (68) dat da me J? da J.L., rayt?
That was J.? J.L., right?

As construções que acabamos de descrever resumidamente não são específicas do crioulo de Belize. Bailey (1966:85) analisou um morfema a parecido no crioulo da Jamaica, como um "a de apresentação (introductory) que é imediatamente seguido pelo elemento em realce":

- (69) a Jan wi taak bowt.
It's John that we are talking about.

Bickerton (1973:649) também aponta que, no crioulo guianense, a intro-

duz sentenças cleft e pseudo-cleft, e expressões impessoais como em

(70) a di wiyem tink hapn in ada vilij.

It was the same thing that happened in other villages.

(71) if a tuutrii ayu.

if there are two or three of you.

Como topicalizador, a é também atestado por Cooper (1980) nos crioulos guianense e de St.Kitts, mas Holm (1978:269) encontra somente uns raros casos 'rústicos' de da no crioulo Miskito da costa, numa função de realce semelhante.

Seja como for, nenhuma das análises anteriores parecem estabelecer uma conexão a cópula equacional e a 'partícula de realce'. Mas as evidências apresentadas acima sugerem que, embora da/a seja claramente um marcador do crioulo, restrito principalmente às variedades basilectais, não é necessariamente uma cópula equacional. Acredito que da/a se explica de maneira unificada como um morfema usado em vários tipos de topicalização. A posposição do marcador de anterioridade e da partícula negativa em Belize fornecem uma forte evidência independente de que da pertence a um sintagma nominal topicalizado ou deslocado, e não ao sintagma verbal. Da/a se usa quando é preciso dar ênfase a algum constituinte, e funciona portanto como um elemento de realce, ou apresentador da informação mais importante numa asserção. A localização efetiva de da/a, entre sintagmas nominais ou isoladamente antes de um único sintagma nominal em início de sentença, é determinada pelo conteúdo semântico da sentença. Tipicamente, o sintagma nominal que segue da/a é que recebe um acento enfático especial. É o caso em sentenças pseudo-cleft como (26) acima, e em sentenças cleft como (66), (67) e (68). A posição alternada de da em posição pré ou pós-nominal (como nas sentenças (25), (26), (52), (9), (53)) revela-se determinada pelo fato de o foco incidir em informações velhas ou novas. Em (24), 'H.da me di kapn', H. havia sido mencionado no discurso anterior, e a sentença era respondida a uma indagação a respeito da função de H.no navio. Isso é também mostrado com clareza na sequência de pergunta e resposta (25), 'J.L.da me wat? -- Da me di mekanik, da mekanik'. Ao contrário em (9), 'Da H.me de de', H. é uma informação nova, resposta a Who was there? (vejam-se também (52) e (53)). Esse tipo de mecanismo enfático é muito parecido com o uso de ça,c'est, correspondendo a dat, da dada, e dos pronomes deslocados em francês coloquial. De fato, a tradução francesa é mais exata para as sentenças de belizano do que a tradução inglesa:

(24) H., c'était le capitaine.

(25) J.L.il était quoi? -- C'était le mécano.

(9) C' est H. qui était là.

(65) Ça, c'est quand la corde est bonne.

(66) C'est de ça qu'ils parlaient.

A grande diferença parece ser que o francês tem uma cópula, ao passo que os dialetos de Belize não têm, não pelo menos num contexto pré-nominal. Mas tudo indica que o crioulo de Belize, como o francês coloquial, é uma língua em que a ênfase é importante, e é marcada por vários mecanismos sintáticos.

Todos os crioulos demonstram habilidade especial em manusear a focalização. Por exemplo, Broadbridge (1980), em sua discussão dos recursos para a expressão do foco em trinidadiano, nota que a chamada para o primeiro plano [foregrounding] (de SNs, SVs, com ou sem repetição) é extremamente comum em todos os níveis socioeconômicos da fala de Trindade, mas não no grupo dominante inglês.

Determinei a partir de um corpus mais amplo, incluindo toda a gama do contínuo de Belizano, que as variedades basiletas incluem mais sentenças envolvendo focalização (a saber, 37%) do que as variedades mesoletas e acroletas (14%). O Quadro 4 mostra a porcentagem de formas de 'cópula' em relação à focalização em dezesseis variedades basiletas e vinte e quatro variedades mesoletas. Estão incluídos (a) a frequência global de sentenças envolvendo algum tipo de focalização (isto é, as sentenças cleft e pseudo-cleft e as sentenças com sujeito pronominal dêitico); (b) a porcentagem relativa de sentenças com focalização incluindo a 'cópula-zero' mas não da/a; (c) a porcentagem de sentenças com 'cópula zero' que incluem cópia de um sintagma nominal (ou seja: SN + da, Pro+da, dat da, dat a, etc.); (d) a porcentagem de sentenças com focalização, incluindo o verbo be.

	(a)	(b)	(c)	(d)
Basileto 16 exemplos	.37 (417/1132)	.55 (229/417)	.40 (168/417)	.05 (20/417)

Não Basileto 24 exemplos (1741 ocorrências)	.14 (242/1741)	.08 (20/242)	.05 (13/242)	.86 (209/242)

QUADRO 4: Porcentagem de formas de 'cópula' em relação à focalização.

É assim possível concluir que ao desligar-se do vernáculo, os falantes do crioulo modificam a estrutura sentencial de acordo com uma frequência mais baixa de sentenças com topicalização/deslocamento. Isto coincide também com a observação geral de que os basiletos ocorrem em situações relaxadas e espontâneas, ao passo que os mesoletos e os acroletos correspondem a situações cada vez mais formais. Conseqüentemente, os expletivos e as estruturas enfáticas ocorrem mais verossimilmente nas variedades vernáculas.

6. da/a como um desvio na criouliização.

Ficou determinado que tanto da como a funcionam amplamente como morfemas de foco nos basiletos belizanos atuais do distrito de Stann Creek. Contudo, a situação é suficientemente ambígua para proporcionar indicações válidas de uma provável reorientação semantática indicadora de uma criouliização mais antiga.

A como forma isolada (isto é, não ocorrendo depois de dat) tem uma distribuição extremamente limitada em orações com predicados nominais (isto é, cerca de 2%). Essa incidência extremamente reduzida ajusta-se com a hipótese de que a é a sobrevivência de alguma cópula mais antiga, agora quase arcaica, e os crioulos correlatos fornecem um apoio importante a esta interpretação, conforme foi discutido acima. Entretanto, a importância nos crioulos do deslocamento à esquerda de SN₁ à ou da cópia de SN como meio de focalizar, o uso de a como introdutor de perguntas (também um processo de focalização), e a incidência reiterada dos pronomes dêiticos ingleses na posição inicial de oração (também relacionada à focalização), tudo isso concorreu para levar à confusão de a e da. Essa confusão foi presumivelmente facilitada pela frequente incidência da sequência fonética [dada]. Da assumiu assim as funções de a, somando as funções de cópula e introdutor de pergunta à sua função dêitica originária. Em seguida, o valor focalizador/dêitico de da eliminou gradualmente o valor de cópula, levando assim à cópula zero em orações equacionais. Atualmente, da é usado para realçar um predicado, quer em posição interna da oração H.da me di kapn ou em posição inicial de oração Da H.me de de, produzindo assim uma oração com deslocamento (no primeiro caso) ou uma oração cindida (no segundo caso), sendo ambos os recursos enfáticos. Essa predisposição para marcar foco é provavelmente herdada das línguas africanas ocidentais, conforme indicado por Holm (1980) e Taylor (1977) entre outros (não é tão comum em inglês, onde o deslocamento e a topicalização são raros), mas é marcada por basicamente um morfema inglês, that (da).

Assim, a situação atual em alguns basiletos do belizano revela possíveis desenvolvimentos mais antigos das orações predicativas, em particular a absorção da cópula pré-nominal crioula pelo pronome demonstrativo inglês, e o deslocamento concomitante de várias funções sintáticas relacionadas à expressão do foco. Podemos presumir que esses tipos de modificações foram parte do processo de criouliização. Sankoff (1980) encontra uma expansão de funções sintáticas muito semelhante em Tok Pisin, onde o advérbio ia, derivado do inglês here, passa a usar-se como dêitico, depois como um marcador de estruturas de tópico e comentário, orações relativas e sentenças cindidas. Todas essas funções são funções de expressão de foco em alguma medida. É significativo que crioulos tão distantes como o Tok Pisin e o Crioulo Belizano tenham selecionado um pronome dêitico para marcador em estruturas de focalização. Isso aponta para uma estratégia geral de expansão em criouliização, conforme discutem Hymes (1971) e Labov (1971). A diferença entre o Tok Pisin e o crioulo de Belize é, como se sabe, que o Tok Pisin é um crioulo muito mais jovem, que remonta tão somente a 1950. O crioulo de Belize está por aí há quase duzentos anos, e há evidências de

descrioulização mesmo nos basiletos, refletidas principalmente na alta incidência das formas de cópula-zero.

A descrioulização dá-se quando o sistema acroletal (aqui, o inglês) influencia o sistema crioulo a ponto de fazer com que os basiletos modifiquem certos traços em conformidade com traços acroletais. Contudo, a influência do substrato africano ocidental ainda subjaz ao desenvolvimento atual da descrioulização: embora a focalização seja encontrada em todo tipo de sentenças, a cópula-zero ocorre predominantemente em contextos pré-nominais (presumivelmente, o contexto originário da cópula a). Contudo, a cópula zero foi se estendendo também a sentenças com predicados adverbiais ou preposicionais, pois somente 50% de todas essas frases incluem um verbo locativo/existencial de, como se mostra no Quadro 1.

No que diz respeito às sentenças interrogativas, também fica claro que a é uma forma antiquada de introdutor de perguntas: ocorre somente em 6% de todas as perguntas dos basiletos. Da ocorre 29% das vezes, o que é uma indicação de que, nessa função, da não é estável e acabará por desaparecer, provavelmente porque não tem um análogo no acroleto. É possível, porém, que da persista mais longamente nas pseudo-interrogativas que incluem focalização, como (54) Da Teksako unu me de wok fo?; elas mais se parecem com asserções para as quais se pede confirmação do que com verdadeiras perguntas.

Em outras áreas não basiletais do contínuo, a descrioulização está muito mais avançada, a ponto de que a não ocorre nunca, e nem a nem da ocorrem em perguntas. Mas da ainda aparece como um pronome dêitico, geralmente como dat ou that, embora não apareça nunca na sequência [dada]. E a incidência de sentenças com focalização baixa para 14%.

7. Conclusão

Já se sugeriu que o caso do Belizano é de um contínuo pós-crioulo. Mas não fica claro quando um crioulo deixa de ser crioulo para enquadrar-se no estágio pós-crioulo (como o Black English, por exemplo). O basileto de Belize é bastante distinto do acroleto para justificar o nome de crioulo. Mas é suficientemente complexo para revelar alguns dos processos envolvidos na criouliização prévia, bem como os mecanismos da descrioulização em curso.

Defendi neste trabalho a tese de que uma cópula pré-nominal e introdutor de perguntas mais antigo, presumivelmente a, se assimilou a um pronome dêitico da e, no decorrer do processo, estendeu seus usos a todas as estruturas envolvendo focalização.

Embora os correlatos sociais dessa reorientação linguística não tenham sido examinados abertamente (mas veja-se Escure 1981,1982), eles subjazem a toda a discussão; foi apontado que a ocorrência de da/a é limitada aos basiletos, isto é,

aquelas variedades de fala que são produzidas em situações espontâneas e informais. Isto significa que da/a funciona como um marcador social, um marcador de solidariedade e familiaridade dentro do grupo. Contudo, se a descrioulização continuar, a cópula zero poderá, em pouco tempo, substituir da como marcador de identidade do crioulo.

NOTAS

1. Em outro trabalho (Escure, 1982) discuto a flexibilidade linguística dos falantes de crioulo, ou seja, o fato de que um mesmo indivíduo pode produzir variedades basilectais, mesolectais ou acrolectais, dependendo do ato de fala.
2. Na verdade, encontrei três exemplos de da antes de adjetivos no corpus analisado neste trabalho (por ex. *Da gud (That's good)*). Tais exemplos ilustram o valor originalmente dêitico de da, que discutiremos mais tarde.
3. A ocorrência de be, além de restrita, só é encontrada depois de modais no basilecto, e alterna com "cópula zero" neste contexto. Por exemplo:

i haf tu biy horikeyn fu kum in
There must be a hurricane [to make me] come in!

dat ku biy eniting
That could be anything.

i mose biychiypa
It must be cheaper.

4. Incidentalmente, da também ocorre 51% do tempo (18/35) em posição inicial de sentença antes de SPrep ou um advérbio, mas dada ou dis a não ocorre neste contexto (por exemplo, ver sentenças (10) e (11)).
5. Em tais casos, assumo que a, e não da, com base em poucos casos de dis a, como nas sentenças (16) e (17). Neste sentido, ocorrências claras de a são mais raras do que indicado no Quadro 1.
6. Cassidy e Le Page (1980:141) se referem a da como "uma introdutora de afirmação e enfatizadora" em Belizano e em guianense.

BIBLIOGRAFIA

BAILEY, B. 1966 Jamaican creole syntax: A transformational approach. London: Cambridge University Press.

- BAUGH, J. 1980 "A reexamination of the Black English copula". In W. Labov (ed.), Language in time and space. New York: Academic Press, 83-106.
- BICKERTON, D. 1973 "The nature of a creole continuum". Language 49.640-669.
- BROADBRIDGE, C. 1980 "Some devices for focus in Trinidadian". Society for Caribbean Linguistics, Occasional Paper 14.
- CASSIDY, F. G. and R. B. le Page 1980 Dictionary of Jamaican English, 2nd edition
London: Cambridge University Press.
- COOPER, V. 1980 "On the notion of decreolization and St. Kitts creole personal pronouns". In R. Day (ed.), Issues in English creoles, Heidelberg: Julius Groos. 39-50.
- ESCURE, G. 1981 "Decreolization in a creole continuum: Belize". In A. Highfield and A. Valdman (eds.). Historicity and variation in creole studies. Ann Arbor: Karoma, 27-39.
- _____, 1982. "Contrastive patterns of intra-group and inter-group interaction in the creole continuum of Belize". Language in Society 11: 2.239-264.
- HOLM, J. 1978 The creole English of Nicaragua's Miskito Coast: Its sociolinguistic history and a comparative study of its lexicon and syntax. Dissertation, University of London.
- _____, 1980 "The creole 'copula' that highlighted the world!". In J. Dillard (ed.), Perspectives on American English. The Hague: Mouton 367-375.
- HYMES, D.(ed.) 1971 Pidginization and creolization of languages. London: Cambridge University Press.
- LABOV, W. 1969 "Contraction, deletion and inherent variability of the English copula". Language 45.715-762.
- _____, 1971 "The notion of 'system' in creole languages". In D. Hymes (ed.), 447-472.
- SANKOFF, G. 1980 The social life of language. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- TAYLOR, D. 1977 Languages of the West Indies. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.